

Artigo / Article

"Carta aos leitores e leitoras": o dialogismo interdiscursivo bakhtiniano na escrita epistolar freireana

*"Letter to readers": Bakhtinian interdiscursive dialogism in Freirean
epistolary writing*

Simone Cunha 

Universidade Aberta, Portugal

scunha20@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0279-5532>

Recebido em: 30/05/2024 | Aprovado em: 19/11/2024

Resumo

Esta pesquisa aborda a dialogicidade interdiscursiva da "Carta aos leitores e leitoras", escrita por Paulo Freire e publicada como "apresentação" de seu livro *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. O referido material exibe a escrita à mão do educador e foi digitalmente disponibilizado pela plataforma que recebe seu nome na *web*. Sob a metodologia de pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, a investigação analisa os recursos linguístico-discursivos utilizados por Freire para dirigir-se a seu público leitor por meio do discurso epistolar. Para isso, embasamo-nos em Marcuschi (2008) e Seara (1998), a respeito do gênero discursivo "carta"; em Bakhtin (1997[1979]) e Volóchinov (2018[1929]) sobre o dialogismo interdiscursivo; em Bhatia (1997, 2010) acerca da interdiscursividade nas práticas discursivas profissionais; e em Freire (1996) e Gadotti (1996) em relação à escrita freireana. Com isso, verificamos o caráter dialógico da carta, presente na sua tessitura textual e interdiscursiva, imortalizada como patrimônio digital, na qual se inscreve a intenção persuasiva e dialética desse pensador brasileiro em favor de uma educação libertadora de mentes e homens.

Palavras-chave: Dialogismo • Carta • Paulo Freire • Patrimônio digital • Ciência aberta

Abstract

This research addresses the interdiscursive dialogicity of the 'Letter to readers,' written by Paulo Freire and published as a 'presentation' for his book *Literacy: reading the world, reading the word*. This material shows the educator's handwriting and was digitally made available by the platform that bears his name on the web. Under the methodology of qualitative research, of a bibliographical and documentary nature, the investigation analyzes the linguistic-discursive resources used by Freire to address his readership through epistolary discourse. To this end, we draw on Marcuschi (2008) and Seara (1998), regarding the discursive genre 'letter;' Bakhtin (1997[1979]) and Volóchinov (2018[1929]) on interdiscursive dialogism; Bhatia (1997, 2010) on interdiscursivity in professional discursive practices; and Freire (1996) and Gadotti (1996) in relation to Freire's writing. With this, we can see the dialogical nature of the letter, present in its textual and interdiscursive fabric, immortalized as digital heritage, in which is inscribed the persuasive and dialectical intention of this Brazilian thinker in favor of an education that liberates minds and men.

Keywords: Dialogism • Letter • Paulo Freire • Digital heritage • Open Science

Introdução

Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como "escrever" o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo.
(Paulo Freire e Donaldo Macedo, em *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, 2011)

A escrita de uma carta é, essencialmente, um ato de inscrição de si em direção ao outro, seu destinatário/interlocutor, em que se incluem valores, princípios, experiências e vivências, por meio da linguagem escrita, na relação com o mundo. As palavras dos autores Paulo Freire e Donaldo Macedo, em epígrafe, nas quais não se desassocia o conhecimento da palavra do conhecimento do mundo e sua transformação, referem-se a essa inter-relação eu-outro, que se evidencia no gênero discursivo "carta", objeto da análise realizada neste texto.

Nesse sentido, a escrita de cartas revela-se, por si só, um diálogo com um outro que, mesmo não sendo real e imediato, interage de forma assíncrona e se presume pela abordagem temática e estilística assumida pelo remetente/enunciador. Assim a carta, por meio de recursos linguísticos e discursivos, independentemente de sua temática, referencia seus coenunciadores, seu tempo e seu espaço. Sob as palavras expressas pelo próprio Freire (1996, p. 136), afirmamos que "o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História".

O autor sobre o qual debruçamos nosso olhar investigativo foi um esmerado escritor de cartas, as quais se referiam principalmente ao campo da educação, não só a formal, vivida na

escola, mas também à educação para a vida, numa dimensão ontológica do ser humano, que continuamente, porque inacabado, se (re)constrói no diálogo com o outro. Sob essa perspectiva dialógica, não podemos desvincular a concepção freireana sobre a abordagem educativa do professor, o qual age e reflete sobre sua própria práxis, buscando no outro o aprender e o ensinar, daquela concepção de dialogismo enunciativo, defendido por Bakhtin e o Círculo, constituído pela linguagem e suas variadas formas de interação verbal.

O dialogismo defendido pelo Círculo de Bakhtin pressupõe que a produção discursiva é embasada em uma relação dialógica, na qual se relacionam vozes sociais heterogêneas que compõem a realidade em que os coenunciadores estão inseridos. Em concordância ou discordância, o diálogo não se restringe às interações face a face, mas abrange as complexas interações existentes entre os sujeitos por meio da linguagem. Assim, todo discurso, inclusive o epistolar, implica o outro, seja este presumido ou real, síncrono ou assíncrono, e a responsividade entre os interlocutores, constituindo uma teia infinita e complexa de enunciados (Bakhtin, 1997 [1979]). Dito isso, tendo o dialogismo bakhtiniano como a base teórica da análise aqui empreendida, compreendemos que “não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado)” (Bakhtin, 1997 [1979], p. 413-414). Isto é, os enunciados se baseiam no já dito, não existindo palavra que já não tenha sido de alguém.

Isto posto, a escrita epistolar de Paulo Freire, permeada por uma linguagem que refrata a si mesmo, constitui o cerne da análise deste trabalho, o qual objetiva verificar como o educador pernambucano constrói essa imagem de si pela “Carta aos leitores e leitoras”¹ — retratada em trechos e apensada ao final nesta pesquisa, tal como foi escrita, em diálogo com seus interlocutores presumidos e com interdiscursos, aliando seu incomparável estilo à construção composicional e à temática abordada.

Para atingir esse objetivo, inicialmente, julgamos importante ressaltar que o texto objeto de estudo, ainda que possua características estruturais e funcionais do gênero discursivo “carta”, foi publicado como gênero discursivo introdutório “apresentação” de uma das obras freireanas, *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra* (doravante *Alfabetização...*), cuja primeira edição é de 1987. Além disso, destacamos que o acesso a esse documento de inestimável valor, escrito à mão, com todas as singularidades a ele inerentes, se deu por sua disponibilização no Acervo Paulo Freire, plataforma que promove o conhecimento do conjunto da obra freireana por meio da digitalização dos arquivos produzidos pelo patrono da educação brasileira.

Destarte, a pesquisa ora apresentada se justifica pela proposta de análise discursiva e dialógica de um artefato digital, partilhado pelas tecnologias digitais da informação e comunicação, produzido por um dos mais expoentes pesquisadores da educação no mundo. Com esta investigação, de natureza qualitativa, em que buscamos interpretar os dados no objeto de análise selecionado, baseada em uma pesquisa bibliográfica — fundamentada no arcabouço

¹ Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/2344>. Acesso em: 13 jan. 2025.

teórico a ser apresentado na sequência deste artigo — e documental — cujo material consiste no artefato digital que, por ora, não foi objeto de análise linguística sob a perspectiva teórica aqui elencada —, pretendemos nos valer dos conhecimentos sobre o caráter dialógico do discurso para compreender a dimensão argumentativa e persuasiva da “Carta aos leitores e leitoras” (doravante, em alguns momentos, “Carta...”) no campo da educação.

Dessa forma, organizamos o artigo com esta Introdução, seguida da caracterização estrutural e funcional do gênero discursivo “carta”, aliada às possibilidades de intergenericidade. Na sequência, abordamos a escrita epistolar freireana, expondo as razões de sua preferência discursiva, bem como a disponibilização desse acervo — entre outros documentos — pela plataforma que recebe seu nome, e focamos na carta que é objeto de análise deste trabalho, apresentando as relações dialógicas interdiscursivas nele presentes, bem como os recursos linguístico-retóricos utilizados pelo autor para alcançar seu objetivo comunicativo. Por fim, antes de referenciar as obras que embasam esta investigação, tecemos as considerações finais acerca da temática, buscando compreender a escrita da carta de Paulo Freire como uma estratégia de diálogo com o seu coenunciador amplo e diverso, neste caso, formado por seus leitores e suas leitoras.

1 Uma visão sobre o gênero discursivo “carta”

A forma epistolar é uma forma insubstituível da arte da sociabilidade.
(Isabel Seara, em *A palavra nômada. Contributos para o estudo do gênero epistolar*, 2008)

Escrever uma carta nos remete a um tempo remoto, em que as tecnologias da informação e da comunicação não permitiam interações instantâneas, em que o outro estava ausente no momento da enunciação, evocado pela escrita intimista e reveladora das singularidades existentes nas relações entre os coenunciadores. Sendo assim, embora se afirme a ausência do interlocutor na enunciação, sua presença se faz notar discursiva e linguisticamente na tessitura textual — seja por meio de um simples vocativo ou do uso de pronomes — sendo essa uma das características centrais do gênero discursivo “carta”. Portanto, já que o interlocutor adentra o texto escrito após a sua completa enunciação, cabe a ele refletir sobre aquelas palavras ou ainda responder a elas, deixando de exercer o papel de interlocutor para se tornar assim o locutor.

Sob esse prisma, voltamos nosso olhar para as características composicionais que distinguem a carta como gênero do domínio discursivo interpessoal, no qual pode ser encontrada uma considerável diversidade tipológica, com predominância de sequências descritivas, narrativas e expositivas, sem menosprezar sua dimensão argumentativa. É preciso dizer que o gênero “carta” assim se define por suas características tanto formais quanto funcionais, visto que sua realização como texto pode se dar funcionalmente em outro domínio discursivo, como apresentamos neste trabalho (Marcuschi, 2008).

Sob o ponto de vista funcional, nesta investigação, detemo-nos num exemplar desse gênero – a “Carta aos leitores e leitoras” – que foi publicado como um gênero introdutório, a “apresentação”. Os gêneros introdutórios são assim denominados por precederem outros gêneros, mantendo com estes uma relação interdiscursiva intensa. Qualquer que seja o suporte, tais gêneros constituem uma espécie de leitura prévia do gênero principal, tendo, por isso, uma função informativa e, por vezes, promocional (Bezerra, 2017; Bhatia, 2004). Assim, percebemos a ocorrência do fenômeno da intergenericidade, nos termos de Marcuschi (2008), em que um texto assume a forma de um gênero A com a função de um gênero B, neste caso, a forma da carta com a função da apresentação. A respeito dessa concepção, o linguista adverte:

A intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que diz respeito ao fato de um gênero realizar sequências de vários tipos textuais (por exemplo, uma carta pessoal, como já vimos, pode conter uma narrativa, uma argumentação e uma descrição, entre outras) (Marcuschi, 2008, p. 166).

A partir de outro olhar, por meio do conceito de colônia de gêneros, que envolve “invasão da integridade de um gênero por outro gênero ou convenção de gênero, muitas vezes levando à criação de uma forma híbrida, que acaba compartilhando algumas de suas características de gênero com aquela que a influenciou em primeiro lugar” (Bhatia, 2004, p. 58)², a apresentação de um livro assume, por vezes, as características do texto a que se refere, ou ainda, como neste caso, a forma de outro gênero discursivo — a carta, resultando numa imbricação de gêneros que influencia sua prototipicidade, tendendo a um caráter mais inovador de sua composição. Destacamos, nesse sentido, os princípios da identidade e da inovação para a construção discursiva dos enunciados (Silva, 2012). Os gêneros são basicamente constituídos pelas escolhas linguísticas e parâmetros convencionais de uso da língua, o que se relaciona ao princípio da identidade. Contudo, dada a diversidade e a flexibilidade das situações comunicativas, tais práticas de linguagem podem se aproximar mais ou menos do princípio da inovação. Não é, portanto, fácil demarcar linhas estratificadas na classificação de um texto em determinado grupo de gêneros e, a esse respeito, é importante ressaltar que:

A incorporação de gênero pode ser diferenciada da [...] mistura de gêneros na discussão de introduções acadêmicas [...]. Na incorporação de gêneros, por exemplo, é comum encontrar uma forma genérica específica, que pode ser um poema, uma história ou um artigo usado como molde para dar expressão a outra forma genérica convencionalmente distinta (Bhatia, 1997, p. 191)³.

² As traduções presentes neste artigo foram feitas com o auxílio do DeepL Translate. Texto original: “invasion of the integrity of one genre by another genre or genre convention, often leading to the creation of a hybrid form, which eventually shares some of its genre characteristics with the one that influenced it in the first place.”

³ Texto original: “genre embedding can be distinguished from [...] genre-mixing in the discussion of academic introductions [...]. In genre embedding, for example, one often finds a particular generic form, it may be poem, a story or an article used as a template to give expression to another conventionally distinct generic form”.

Assim o livro *Alfabetização...* é apresentado estruturalmente por meio de uma carta, que cumpre o papel de situar a obra em determinada área do conhecimento, delinear o seu conteúdo e orientar os possíveis leitores a esse respeito (Bhatia, 1997).

Dito isso, com base em Seara (2008), passamos a elencar os aspectos que mais convergem ao objeto de análise desta pesquisa, o qual foi selecionado, entre tantos outros, pela sua peculiaridade de apresentar a caligrafia do seu autor e ter sido disponibilizado em ambiente virtual para um público mais alargado:

- a) É um gênero discursivo escrito, essencialmente, à mão;
- b) Refere-se a uma ação individual, mas que também se revela coletiva, já que abrange um sem número de interlocutores, os quais, no decorrer dos tempos, se permutam na leitura e compreensão da carta;
- c) Funciona especificamente em situação de uso entre um “eu” enunciador e um “outro” real ou, neste caso, presumido, mas geralmente ausente no ato da enunciação;
- d) Sua elaboração é permeada por elementos textuais e peritextuais que se relacionam à identidade dos interlocutores e do contexto em que a carta é escrita;
- e) O destinatário/coenunciador é evocado e convocado a responder (pacto epistolar), qualquer que seja a forma em que tal resposta se realize;
- f) Como resulta de uma interação que não ocorre simultaneamente, há referências espaciais e temporais inscritas no desenvolvimento da temática;
- g) É uma escrita que revela muito das subjetividades do enunciador, por meio da seleção lexical, sintática e semântica resultante da sua intenção ao produzi-la;
- h) Revela as ideias que norteavam a sociedade do momento da enunciação, as quais interligam os interlocutores, mesmo que estes não se conheçam.

Pertencente ao tipo de sequência dialogal, ainda que a interação seja assíncrona e haja grande variabilidade temática e estilística, a carta apresenta sequências fáticas de abertura e de fecho, as quais são tidas como mais estruturadas por uma intervenção inicial e outra reativa; além das transacionais, menos ritualizadas e, por isso, menos previsíveis, podendo ocorrer outros tipos de sequências textuais num imbricamento de (macro)proposições enunciativas (Adam, 2019; Silva, 2012), o que contribui para o reconhecimento de um texto como carta.

Para ratificar o ponto de vista adotado neste estudo, citamos Silva (2012, p. 16) ao afirmar que o discurso “constitui um produto verbal empírico perspectivado como estando ancorado num contexto sócio-histórico singular, ou seja, numa situação de enunciação sempre única, que se caracteriza também por uma memória discursiva partilhada pelos sujeitos”. É dessa forma que analisamos essa carta de Freire, como um gênero voltado para a interlocução pessoal (ou institucional) de caráter intimista, sendo por isso escolhida pelo educador brasileiro para se dirigir aos seus leitores e leitoras com o fim de estabelecer uma relação mais horizontal

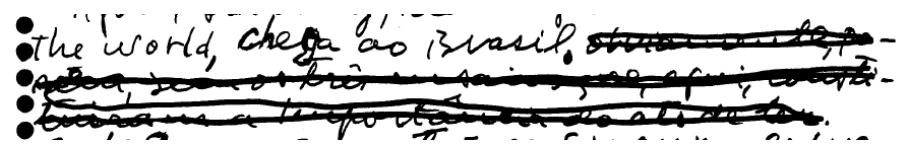

e menos hierarquizada, e assim aproximar-se para, com eles, manter o diálogo necessário ao desenvolvimento da práxis docente de ação-reflexão-ação.

2 A escrita epistolar freireana

Em várias oportunidades, não somente em cartas, mas também em reuniões de trabalho, aí, a questão da língua foi discutida.
(Paulo Freire, em *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, 2011)

Paulo Freire foi um educador brasileiro que deixou como legado uma teoria pedagógica baseada no diálogo e na reflexão sobre o aprender e o ensinar, perpassando todas as áreas do conhecimento, sendo, portanto, um pensador que se renova com o tempo. Como afirma Ana Maria Araújo Freire (1996, p. 40), sua esposa, “o trabalho de Paulo Freire é mais que um método que alfabetiza, é uma ampla e profunda compreensão da educação que tem como cerne de suas preocupações a sua natureza política”.

Freire tinha o intuito de partilhar suas ideias sobre uma educação libertadora, não só dos adultos em processo de alfabetização, mas sobretudo dos cidadãos em processo de construção de sua autonomia. Para isso, encontrou nas cartas uma maneira de se aproximar de seus leitores, quaisquer que fossem eles. Sua escrita se dava como afirma Ana Maria Freire (1996, p. 58): “Ele [...] elabora suas ideias mentalmente, anota em pedaços de papel ou em fichas ou as põe ‘no cantinho da cabeça’ quando elas surgem na rua, nas conversas ou durante a sua fala em alguma conferência”. Tal processo pode ter ocorrido na escrita do texto que ora analisamos, visto que conseguimos visualizar: a) trechos com correções; e b) lacunas para preenchimento posterior, como podemos perceber nos trechos a seguir:

- a)  4
- b)  5

Portanto, as cartas escritas por Freire são uma importante fonte de conhecimento de sua trajetória como professor, reconhecido pelo trabalho voltado à educação, principalmente a de adultos. Em sua escrita epistolar, estão sempre presentes temas que permeiam o fazer educativo, crítico e reflexivo, pelo qual o educador pernambucano lutou, inclusive quando ocupou o cargo de secretário de Educação do município de São Paulo, no período de 1989 a 1991, pois buscou implementar sua teoria à prática numa gestão democrática voltada, entre outros objetivos, para a formação docente, o que fica claro desde o início de sua gestão em uma carta de intenções por ele escrita.

⁴ Legenda do trecho a): “the world, chega ao Brasil [trecho tachado].”

⁵ Legenda do trecho b): “[...] feita pelo professor Lólio.”

Assim que aceitei o convite que me fez a prefeita Luiza Erundina para assumir a Secretaria de Educação da Cidade de São Paulo pensei em escrever aos educadores, tão assiduamente quanto possível, *cartas informais que pudessem provocar um diálogo entre nós sobre questões próprias de nossa atividade educativa*. Não que tivesse em mente substituir, com as cartas, os encontros diretos que pretendo realizar com vocês, mas porque pensava em ter nelas um meio a mais de viver a comunicação entre nós.

Pensei, também, que as cartas não deveriam ser escritas só por mim. *Educadoras e Educadores, outros seriam convidados a participar desta experiência que pode constituir-se num momento importante da formação permanente do educador*.

O fundamental é que *as cartas não sejam apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas*. Hoje tenho a satisfação de fazer chegar às mãos dos educadores da nossa rede um primeiro texto redigido por equipe deste Gabinete: "Construindo a Educação Pública Popular" – texto em que se fala um pouco de alguns pontos centrais do trabalho comum a ser realizado por nós – e também o texto do Regimento Comum das Escolas para discussão e debates em toda a rede. Fraternalmente,

Paulo Reglus Neves Freire (1989 *apud* Franco, 2014, p. 109, grifo nosso).

Assim percebemos a evocação de educadores e pesquisadores desse campo como coenunciadores, não meros receptores da mensagem codificada, evidenciando o caráter dialógico por ele defendido na práxis educativa. Freire escrevia cartas de si para o outro, de si para o mundo. Sob essa ótica, "Paulo Freire aparece como um todo em suas cartas, com muita espontaneidade, mostrando não só o seu pensamento mas também muito de sua personalidade. Além disso, dois de seus principais livros são constituídos de cartas" (Gadotti, 1996, p. 21), corroborando a tese de que, por meio das cartas, Freire objetivava estabelecer um verdadeiro diálogo com seus leitores, o que se reveste de uma reflexão tanto sobre o seu próprio dizer como sobre aquilo que pode suscitar no seu interlocutor. Essa postura enunciativa dialógica se coaduna ao que afirma Bakhtin (1997 [1979], p. 321): "Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado".

Assim, numa perspectiva essencialmente dialógica, Freire nos remete cartas, e quase podemos ouvi-lo, através de sua escrita à mão, parecendo ser alguém a quem muito estimamos e de quem esperávamos notícias há bastante tempo. Alguns de seus interlocutores a ele responderam também sob essa estrutura composicional, estabelecendo um diálogo reflexivo sobre a sociedade e a educação nela incluída.

À vista disso, sob o olhar histórico e social, as epístolas de Freire promovem o conhecimento da sua concepção não só sobre educação, mas também sobre a vida, os costumes e a sociedade da época, constituindo-se assim um documento de inestimável valor. Já sob uma compreensão discursiva e mais sociologizante, com base nos estudos bakhtinianos, em que o sujeito interage com o outro e com o mundo, o dialogismo interdiscursivo se relaciona à práxis dialógica freireana.

2.1 O Acervo Paulo Freire: o legado do pensamento freireano

A revolução digital tem composto uma oportunidade ímpar no sentido do alargamento e da disseminação do patrimônio e da herança cultural compreendida em toda a sua amplitude.

(Maria Fernanda Rollo, em *Desafios e responsabilidades das humanidades digitais...*, 2020)

O advento da era digital permitiu que a digitalização e consequente disponibilização do conjunto da obra de Paulo Freire se realizasse conforme o que ele mesmo desejava, enquanto esteve à frente do que viria a se tornar a organização que, hoje, atravessa fronteiras, tempos e espaços para levar o pensamento freireano. A “Carta aos leitores e leitoras”, escrita por Paulo Freire, posto que se apresente como um documento digital disponibilizado pelo *site* Acervo Paulo Freire para a promoção e difusão do pensamento freireano, como já citado, é originalmente o documento manuscrito do que se tornou a “apresentação” do seu livro *Alfabetização...*, publicado em 1987.

Destarte, a plataforma em que o texto objeto de análise desta pesquisa está depositado constitui-se um valioso acervo sobre a educação, não só brasileira, mas também mundial, tendo em vista o reconhecimento de seus postulados teóricos nas mais renomadas instituições de ensino em outros países. Conforme o Centro de Referência Paulo Freire⁶:

O legado de Paulo Freire se insere no movimento pela democratização do acesso ao conhecimento, cuja finalidade é promover uma nova ética para o acesso à produção do conhecimento técnico-científico brasileiro, propiciando maior facilidade de localização e visibilidade, em mecanismos de busca e rápida disseminação do conhecimento freireano. Os conteúdos publicados no Repositório Digital Centro de Referência Paulo Freire são compostos por textos, áudios, vídeos e imagens, pertencentes ao Instituto Paulo Freire, cedidos pelos proprietários, possibilitando acesso e download gratuitos das obras (Acervo Paulo Freire, s.p.).

Nessa percepção de ciência aberta, chegam às nossas mãos materiais que reportam o arcabouço teórico produzido por pensadores como Freire, entre outros, os quais podem favorecer maior desenvolvimento das pesquisas e da práxis que envolvem a construção do saber. Sob esse aspecto, as Humanidades Digitais,

Para além da evidente utilização de ferramentas digitais na área científica das humanidades e da adoção da componente do digital como objeto de investigação, podem/devem desempenhar funções relevantes em vários domínios, tomando-os como contribuição/responsabilidade perante a comunidade acadêmica/científica e a sociedade em geral (Rollo, 2020, p. 21).

São assim fundamentais para a difusão e expansão do conhecimento, bem como para a preservação da memória de uma sociedade.

⁶ Disponível em: <https://www.paulofreire.org/acervo-paulo-freire>. Acesso em: 13 jan. 2025.

Nesse movimento de interligar ciência, conhecimento, sociedade e suas comunidades discursivas, a plataforma Acervo Paulo Freire abriga documentos diversos — como “vídeos, áudios, imagens”, além dos textos cuidadosamente pensados, escritos e publicados em diferentes suportes, os quais remetem ao conjunto da obra freireana. A diversidade de materiais disponibilizados remete ao conceito de patrimônio digital, definido na *Carta sobre a Conservação do Patrimônio Digital*, da UNESCO: “recursos únicos nos domínios do conhecimento e da expressão humana, sejam eles de ordem cultural, educativa, científica e administrativa, ou que contenham informações técnicas, jurídicas, médicas ou de outros tipos, criadas digitalmente ou *convertidas sob forma digital a partir de fontes analógicas existentes*” (Rollo, 2020, p. 21, grifo nosso).

Em busca realizada em uma plataforma de pesquisa, podem ser encontrados quase 400 mil resultados referentes ao documento “Carta...”, sendo o primeiro deles o Acervo Paulo Freire, seguido de outros que a este fazem referência, por meio de *hiperlinks*, que o retomam como fonte de consulta para discutir a teoria freireana ou ainda que tratam de aspectos gerais do conjunto da obra. Conquanto a “Carta...” não seja passível de hiperligações, por não constituir um material nato digital e ser proveniente de outro suporte (papel), a descrição em metadados permite sua relação com outros documentos de natureza temática ou composicional semelhante. Nesse sentido, constitui-se uma rede de informações interligadas, formando uma tessitura de objetos de conhecimento passíveis de investigações diversas. Sem esse aporte tecnológico, certamente a referida carta ficaria restrita aos leitores do livro supracitado, sem a visualização da caligrafia, da disposição espacial das palavras no papel, das correções e inserções feitas (provavelmente *a posteriori*), enfim, da criação freireana em sua essência. Além disso, é importante ressaltar que:

Na era digital, tal como a vivenciamos hoje, os recursos linguísticos (terminológicos, lexicais e textuais) – dicionários, terminologias, glossários, tesouros e vocabulários controlados, textos digitais – representam um patrimônio linguístico e cultural, essencial numa sociedade multilíngue. Estes recursos ocupam um lugar central nas humanidades digitais, cujo domínio de estudo, que abarca a investigação, se posiciona na interseção entre as tecnologias digitais e as várias disciplinas das humanidades (Costa *et al.*, 2021, p. 3).

É dessa forma dialógica, reflexiva e interdisciplinar que contemplamos, verificamos, analisamos, questionamos, enfim, tratamos discursivamente da singularidade desse texto, o qual, produzido em outro suporte, é agora acessível a um público leitor mais amplo, com a colaboração das formas digitais de comunicação atuais.

3 Uma análise dialógica da interdiscursividade da “Carta aos leitores e leitoras”

Quando Freire escreve, vai “lendo” outros autores e relendo a si próprio da mesma maneira que ao ler a si e a outros autores vai, ao mesmo tempo, escrevendo ou re-escrevendo a si e aos outros.
(Ana Maria Araújo Freire, em *Paulo Freire: uma biobibliografia*, 1996)

A epígrafe que inicia esta seção, escrita pela esposa de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, evidencia a relação dialógica que o educador mantinha com os interdiscursos que evocava, bem como o olhar inquiridor que lançava sobre sua própria escrita e ideias. Na produção de seus textos, os quais materializaram os mais diferentes gêneros, mas especialmente cartas, revelam-se as suas idiossincrasias como sujeito enunciador e as relações que este mantém com seus interlocutores, com o contexto da enunciação e com os interdiscursos neles presentes, refletindo assim “as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu *conteúdo* (temático) e por seu *estilo* verbal, [...], mas também, e sobretudo, por sua *construção composicional*” (Bakhtin, 1997[1979], p. 279, grifo nosso). Estilo, composição e temática, associados a aspectos do dialogismo interdiscursivo na construção da dimensão argumentativa presente nesse discurso, bem como aos fatores sociais, culturais e históricos inerentes aos sujeitos envolvidos nessa interação discursiva, além dos papéis sociais assumidos pelos coenunciadores, contribuem para uma compreensão do texto em questão. Além dessas características, podemos apontar ainda: a função discursiva, a disposição gráfica e a extensão do texto.

A “Carta...” revela, em suas linhas, a área de estudos em que o conteúdo do livro se insere e agradece a algumas pessoas pela realização da obra, o que lhe confere a caracterização como um gênero introdutório (apresentação), o qual pode aparecer sob diversas nomenclaturas, como a produzida por Freire (cf.: Bhatia, 1997). Invariavelmente, como todos os gêneros do discurso, a carta que constitui o objeto de análise deste artigo é influenciada por aspectos socioculturais e históricos nos quais se insere, sendo assim um construto verbal “relativamente estável” (Bakhtin, 1997[1979]).

De acordo com Bhatia (2015), um gênero discursivo “é visto principalmente como um evento comunicativo convencionalizado e amplamente padronizado, definido em termos de seu propósito comunicativo que um gênero deve servir em um *ambiente acadêmico ou profissional específico*” (p. 122, grifo nosso)⁷. A despeito disso, fatores tanto linguísticos como extralinguísticos podem influenciar a sua composição, resultando na percepção de que “os gêneros são mais frequentemente encontrados em formas híbridas. Portanto, [...] precisamos nos concentrar mais na complexidade e na dinamicidade dos gêneros do que na pureza de tais configurações discursivas” (Bhatia, 2015, p. 124)⁸.

⁷ Texto original: “is primarily viewed as a conventionalised and largely standardized communicative event defined in terms of its communicative purpose that a genre is meant to serve in a specific academic or professional setting”.

⁸ Texto original: “genres are most often found in hybrid forms. So in my view, we need to focus more on the complexity and dynamicity of genres, rather than on the purity of such discursive configurations”.

No âmbito da composição peritextual (Adam, 2022), destacamos que a “Carta...” foi escrita à mão, em papel timbrado (contextualizando a produção linguística), com margens irregulares, que denotam a fluidez da escrita das ideias a serem dispostas no papel, e certo alinhamento da disposição gráfica das palavras; além disso, é delimitada por um título e finalizada com aposição do local e da data, seguida da assinatura do seu autor. Foi publicada como “Apresentação” sob o título reduzido “Carta aos leitores”, em duas páginas na obra impressa, e está disposta antes do início do livro, fora do conteúdo a ser abordado, ainda que a ele se refira, tendo como propósito comunicativo adicional promovê-lo para os potenciais leitores.

No caso em tela, Freire se utiliza da carta para se aproximar dos leitores e explicar como se deu a produção da obra, fazendo-o por meio, principalmente, de interdiscursos. Assim ele intitula sua apresentação, acompanhada do brasão da cidade de São Paulo, o que contextualiza sua produção no período em que o autor era secretário de Educação dessa cidade:



*Carta aos leitores e leitoras.*⁹

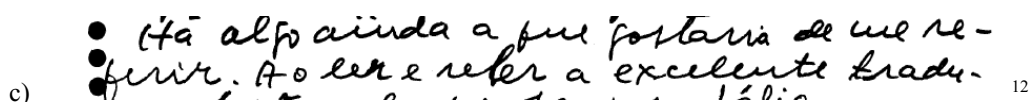
Sob a perspectiva discursiva, o objeto de estudo ora analisado constitui-se composicionalmente dos elementos que caracterizam o gênero “carta”, embora não apresente o parâmetro do vocativo: a) justificativa da escrita da carta; b) diversidade tipológica em sua estrutura, com sequências narrativa e descritiva; e presença de (c) fecho, (d) local, data e assinatura do autor, como podemos ver nos trechos abaixo:

- a) Não gostaria de que este livro chegasse às suas mãos sem umas poucas palavras minhas com as quais pretendo algumas explicações necessárias. 10
- b) Seis anos atrás, o Journal of Education da Universidade de Boston, USA, publicou um artigo meu, A importância do ato de ler. Somado a dois outros, aquele artigo. Nos começos de 1986, uma editora norte-americana, que havia antes publicado outro livro meu, se interessou em traduzir A importância do ato de ler. (Propus, então, 11

⁹ Legenda: “Carta aos leitores e leitoras”.

¹⁰ Legenda do trecho a): “Não gostaria de que este livro chegasse às suas mãos sem umas poucas palavras minhas com as quais pretendo algumas explicações necessárias”.

¹¹ Legenda do trecho b): “Seis anos atrás, o Journal of Education of Boston, USA, publicou um artigo meu, A importância do ato de ler. Somado a dois outros, aquele arti[...]”. “Nos começos de 1986, uma editora norte-americana, que havia antes publicado outro livro meu, se interessou em traduzir A importância do ato de ler. Propus, então, [...]”.

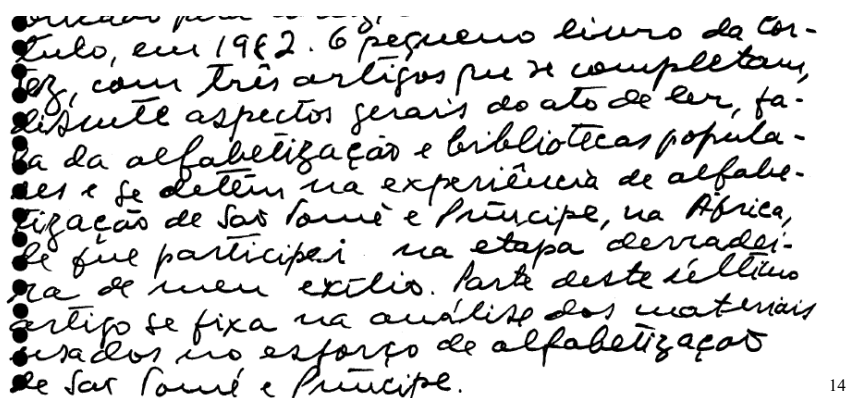
c) 

São Paulo
Maio de 1990

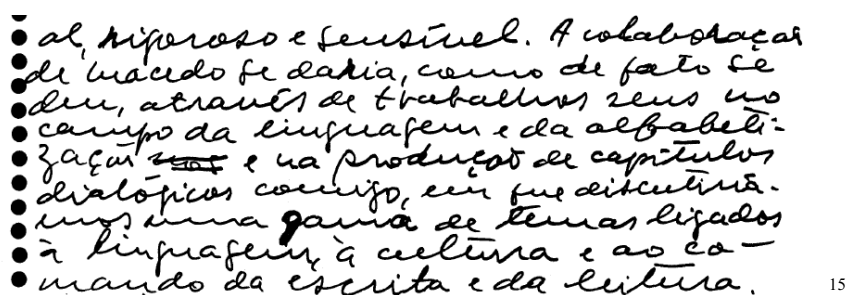
d) 

Ainda consideramos importante elencar, de início, os principais movimentos retóricos presentes na “Carta...” e que a caracterizam como uma “apresentação” de livro, cujos propósitos comunicativos são justificar a obra, resumir seu conteúdo e concluir a apresentação (Bezerra, 2017, p. 68):

a) Definir o tópico central –



b) Indicar os objetivos do livro –



¹² Legenda do trecho c): “Há algo ainda a que gostaria ainda de me referir. Ao ler e reler a excelente tradu[...]”.

¹³ Legenda do trecho d): “São Paulo / Maio de 1990 / Paulo Freire”.

¹⁴ Legenda do trecho a): “[...] O pequeno livro da Cortez, com três artigos que se completam, discute aspectos gerais do ato de ler, fala da alfabetização e bibliotecas populares e se detém na experiência de alfabetização de São Tomé e Príncipe, na África, de que participei na etapa derradeira do meu exílio. Parte deste último artigo se fixa na análise dos materiais usados no esforço de alfabetização de São Tomé e Príncipe”.

¹⁵ Legenda do trecho b): “[...] rigoroso e sensível. A colaboração de Macedo se daria, como de fato se deu, através de trabalhos seus no campo da linguagem e da alfabetização [trecho tachado] e na produção de capítulos dialógicos comigo em que discutiríamos uma gama de temas ligados à linguagem, à cultura e ao comando da escrita e da leitura”.

c) Informar sobre a origem do livro –

Nos começos de 1986, uma editora norte-americana, que havia antes publicado outro livro meu, se interessou em traduzir A importância do ato de ler. Propus, então, ao diretor da casa publicadora, juntar aos três ensaios constitutivos do livro a ser traduzido ao inglês a colaboração de Donalddo Macedo, professor de Psicolinguística da Universidade de Massachusetts no Campus de Boston, excelente intelectual¹⁶

d) Fazer uma avaliação/recomendação final –

A importância do ato de ler. Assim, as referências que Berthoff e Giroux fazem, em seus ensaios, a um ou outro passo deste ou daquele texto de A importância do ato de ler só poderão ser cotejadas se o leitor curioso consultar a publicação da Cortez. Há algo ainda a que eu gostaria de me referir. Ao ler e reler a excelente tradução feita pelo professor Lólio... resolvi alterar, para maior clareza, passagens de minha – e somente minha – participação em alguns dos diálogos com Macedo. Em essência, porém, os diálogos continuam os mesmos que compõem o original norte-americano.

Dessa maneira, corroboramos a ideia de que “a liberdade de inovar, explorar ou manipular recursos e convenções genéricos é inevitavelmente exercida dentro da ampla estrutura de limites genéricos” (Bhatia, 1997, p. 192)¹⁸, o que Freire fez com maestria neste e em tantos outros de seus textos.

Isso posto, encaminhamos este trabalho para a análise da dimensão dialógica existente na “Carta...”, que essencialmente constitui um diálogo entre o enunciador e seus interlocutores, imediatos ou não, mas sempre ausentes no momento da enunciação, por meio de uma

¹⁶ Legenda do trecho c): Nos começos de 1986, uma editora norte-americana, que havia antes publicado outro livro meu se interessou em traduzir A importância do ato de ler. Propus, então, ao diretor da casa publicadora, juntar aos três ensaios constitutivos do livro a ser traduzido ao inglês a colaboração de Donalddo Macedo, professor de Psicolinguística da Universidade de Massachusetts no Campus de Boston, excelente intelectual”.

¹⁷ Legenda do trecho d): “A importância do ato de ler. Assim as referências que Berthoff e Giroux fazem, em seus ensaios, a um ou outro passo deste ou daquele texto de A importância do ato de ler só poderão ser cotejadas se o leitor curioso consultar a publicação da Cortez”. “Há algo ainda a que eu gostaria de me referir. Ao ler e reler a excelente tradução feita pelo professor Lólio resolvi alterar, para maior clareza, passagens de minha – e somente minha – participação em alguns dos diálogos com Macedo. Em essência, porém, os diálogos continuam os mesmos que compõem o original norte-americano”.

¹⁸ Texto original: “the freedom to innovate, exploit or manipulate generic resources and conventions is inevitably exercised within the broad framework of specific generic boundaries”.

paragrafação que busca responder a possíveis questionamentos dos leitores e das leitoras. A esse respeito, Volóchinov (2018 [1929]) afirma:

Se penetrássemos mais profundamente na essência linguística dos parágrafos, nos convenceríamos de que em alguns traços essenciais eles são análogos às réplicas de um diálogo. É como se fosse um diálogo enfraquecido que passou a integrar um enunciado monológico. A percepção do ouvinte e do leitor, bem como das suas reações possíveis, fundamenta a divisão do discurso em partes que, na linguagem escrita, são designadas como parágrafos (Volóchinov, 2018 [1929], p. 244).

Destarte, os estudos sobre os gêneros têm dado significativa e justa importância aos aspectos interdiscursivos que permeiam o fazer enunciativo, pois o gênero é compreendido como resultado da inter-relação de fatores internos e externos ao texto, em que se imbricam a intertextualidade e a interdiscursividade, respectivamente. Para melhor compreensão, Bhatia (2010) nos explica a diferença, fundamental para este trabalho, entre intertextualidade e interdiscursividade, cujas concepções inevitavelmente se entrelaçam e diferem entre si sob determinados aspectos:

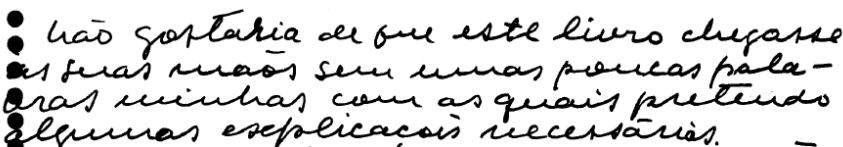
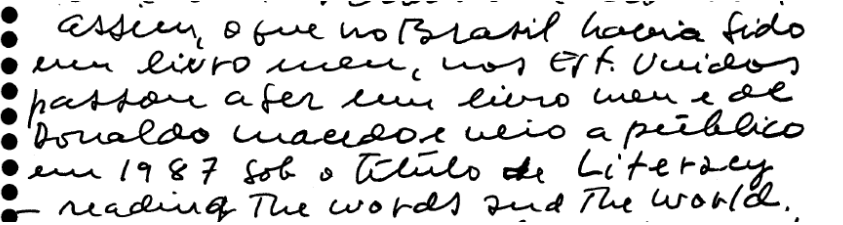
A intertextualidade refere-se ao uso de textos anteriores que transformam o passado no presente, muitas vezes de maneiras relativamente convencionalizadas e um tanto padronizadas. A interdiscursividade, por outro lado, refere-se a tentativas mais inovadoras de criar várias formas de construções híbridas e relativamente novas, apropriando-se ou explorando convenções estabelecidas ou recursos associados a outros gêneros e práticas (Bhatia, 2010, p. 35)¹⁹.

Ainda segundo esse autor, a interdiscursividade é “uma função de apropriação de recursos genéricos em práticas discursivas, profissionais e culturais, o que, [...] é fundamental para nossa compreensão das complexidades dos gêneros que são normalmente empregados na comunicação profissional, disciplinar e institucional” (Bhatia, 2010, p. 32)²⁰. O texto, que materializa o gênero, resulta discursivamente do contexto social e cultural em que se realiza, logo, os aspectos discursivos relativos à construção composicional dos gêneros contribuem para que os textos sejam produzidos em observação a práticas socioculturais específicas.


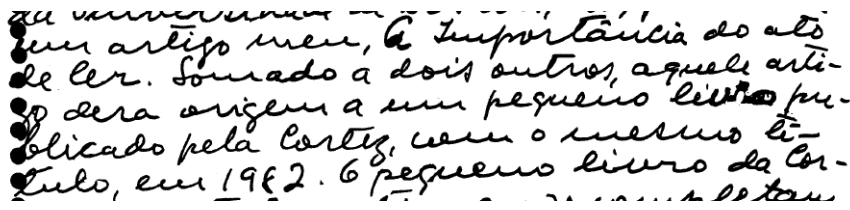
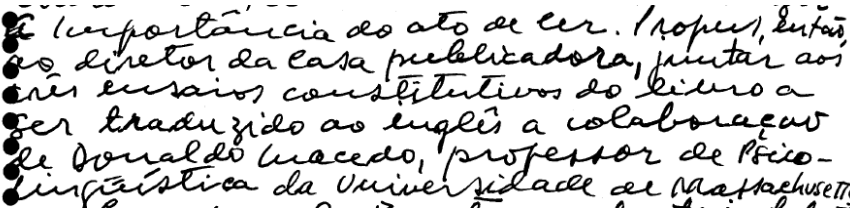
Sob essa perspectiva, encontramos tais recursos discursivos na construção da “Carta...”, como podemos perceber nos trechos abaixo, nos quais: a) direciona seu dizer para um interdiscurso relacionado ao livro que ora apresenta (o que é denotado pelo uso do pronome “este”), em que o autor constrói seu dizer a partir dos movimentos retóricos de uma “apresentação”, ao buscar uma justificativa para aquilo que pretendia expor, mas faz uso dessa retórica por meio dos parâmetros composicionais do gênero “carta”; e b) referencia um livro publicado por Freire em coautoria com Macedo, *Literacy reading: the words and the world*:

¹⁹ Texto original: “Intertextuality refers to use of prior texts transforming the past into the present often in relatively conventionalized and somewhat standardized ways. Interdiscursivity, on the Other hand, refers to more innovative attempts to create various forms of hybrid and relatively novel constructs by appropriating or exploiting established conventions or resources associated with other genres and practices”.

²⁰ Texto original: “a function of appropriation of generic resources across discursive, professional and cultural practices, which, [...] is central to our understanding of the complexities of genres that are typically employed in professional, disciplinary, and institutional communication”.

- a)  21
- b)  22

Percebemos que, dentro da constituição do texto analisado, Freire, como em toda carta, logo de início, evoca o seu público, por meio de um título (Carta aos leitores e leitoras) que os coloca no centro da enunciação, também como coenunciadores. Além disso, o educador faz referência a outros de seus textos (*A importância do ato de ler*, *Literacy reading: the words and the world*), bem como a pessoas que têm alguma relevância para a compreensão da “Carta...” (Donalddo Macedo, Henry Giroux, Ann Berthoff, professor Lólio). Tais relações dialógico-discursivas colaboram para que a interação verbal seja compreendida conforme a intencionalidade do enunciador, que é explicar as razões da obra ora apresentada. Vejamos tais relações estabelecidas no texto:

- a)  *Carta aos leitores e leitoras.* 23
- b)  24
- c)  25

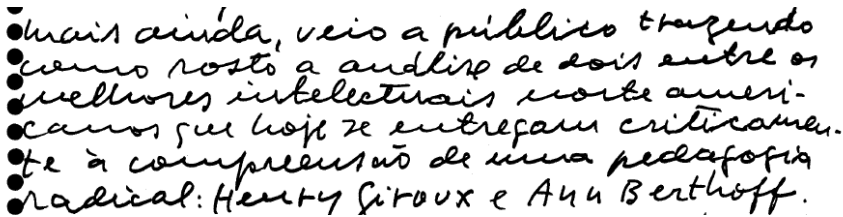
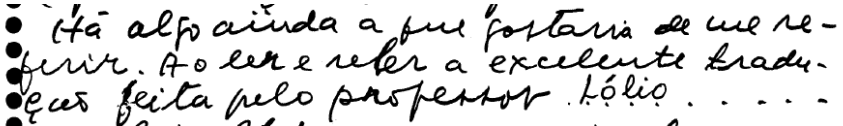
²¹ Legenda do trecho a): “Não gostaria de que este livro chegasse às suas mãos sem umas poucas palavras minhas com as quais pretendo algumas explicações necessárias”.

²² Legenda do trecho b): “Assim, o que no Brasil havia sido um livro meu, nos Est. Unidos passou a ser um livro meu e de Donalddo Macedo e veio a público em 1987 sob o título de Literacy Reading the words and the world”.

²³ Legenda do trecho a): “Carta aos leitores e leitoras”.

²⁴ Legenda do trecho b): “um artigo meu, A importância do ato de ler. Somado a dois outros, aquele artigo dera origem a um pequeno livro publicado pela Cortez, com o mesmo título, em 1982. O pequeno livro da Cor[...].”

²⁵ Legenda do trecho c): “A importância do ato de ler. Propus, então, ao diretor da casa publicadora, juntar aos três ensaios constitutivos do livro a ser traduzido ao inglês a colaboração de Donalddo Macedo, professor de Psicologia da Universidade de Massachusetts”.

- d)  26
- e)  27

Ao fazer tais referências, Freire convoca para seu texto diferentes discursos e vozes que possuem relevância na referida prática discursiva de apresentar uma obra, considerando o contexto profissional em que esta se insere, o educacional. Referir-se aos intertextos colabora para que os leitores e as leitoras, de quem Freire deseja se aproximar, possam compreender o livro *Alfabetização...* da melhor maneira possível, demonstrando como este se originou e em que outras obras seu público poderá, eventualmente, se apoiar para que o sentido seja produzido.

Para além dos intertextos, o poder persuasivo do discurso freireano ganha maior credibilidade ao dialogar com pesquisadores com vasta bibliografia sobre tópicos importantes relativos à educação, como Henry Giroux, considerado um dos mais influentes pensadores da pedagogia em tempos modernos; e Ann Berthoff, que escreveu o “Prefácio 2” da referida obra publicada em 1987 e teve Freire como prefaciador do seu livro *Forming, Thinking, Writing*, em 1988. Assim, sob a concepção de que “toda compreensão é dialógica” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 63), ainda que seja discordante, a “Carta...” atinge seus objetivos comunicativos de explicar a obra ora apresentada e de promover tanto a leitura do referido livro como a dos anteriores, por ele referenciados. Ainda nesse sentido, a análise deste objeto de estudo ratifica o que Bhatia (2010, p. 36) afirma:

Dentro do conceito de gênero e prática profissional, é possível ver escritores profissionais especializados operando constantemente dentro e fora dos limites genéricos, criando formas novas, mas essencialmente relacionadas e/ou híbridas (mistas e incorporadas) para expressar suas “intenções particulares” dentro de práticas comunicativas socialmente aceitas e normas genéricas compartilhadas²⁸.

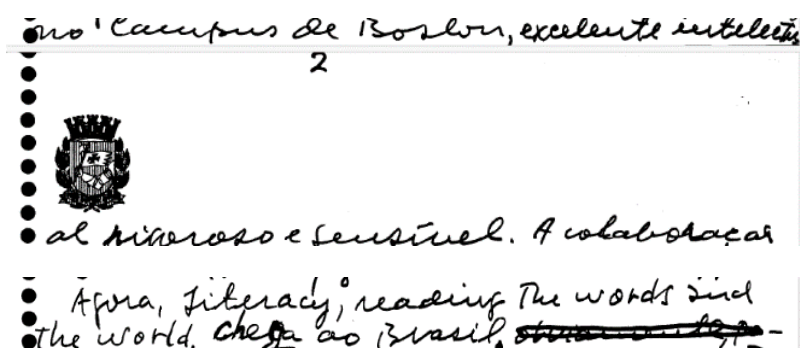
²⁶ Legenda do trecho d): “mais ainda, veio a público trazendo como rosto a análise de dois entre os melhores intelectuais que hoje se entregam criticamente à compreensão de uma pedagogia radical: Henry Giroux e Ann Berthoff”.

²⁷ Legenda do trecho e): “Há ainda algo a que gostaria de me referir. Ao ler e reler a excelente tradução feita pelo professor Lólio”.

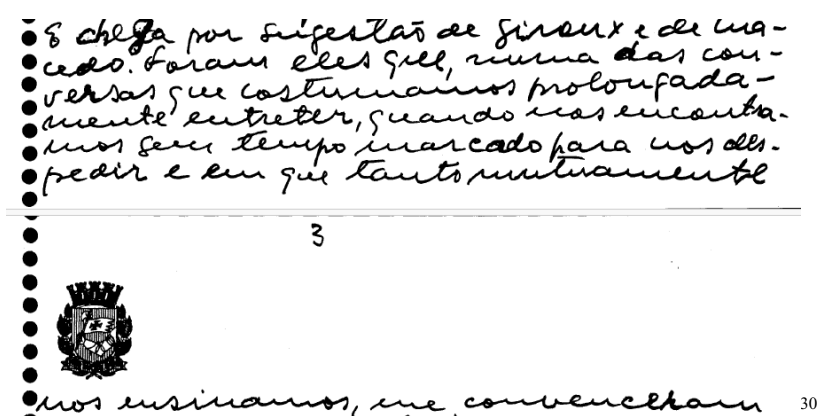
²⁸ Texto original: “Within the concept of genre and professional practice, one can see expert professional writers constantly operating within and across generic boundaries creating new but essentially related and/or hybrid (both mixed and embedded) forms to give expressions to their “private intentions” within socially accepted communicative practices and shared generic norms”.

Por isso, o educador brasileiro opta pela adoção de uma forma discursiva de caráter mais pessoal e intimista – a carta – que já faz parte de seu fazer enunciativo. Nessa prática linguageira inovadora, estão inclusos o processo enunciativo em si, no qual estão presentes os enunciadores e os papéis por eles assumidos na interação; e os aspectos socioculturais em que se insere, contribuindo para o estabelecimento de objetivos comunicativos comuns a esse tipo de ação linguística.

Freire também usa diferentes recursos linguísticos e estratégias retóricas para persuadir seus potenciais leitores e assim alcançar seus fins comunicativos. Sendo assim, observamos o uso de expressões adjetivas (excelente, rigoroso e sensível; melhores) e locuções adverbiais (seis anos atrás; em 1982; nos começos de 1986; agora), que qualificam e contextualizam o discurso. Segundo Bhatia (1997, p. 188), “na maioria dos gêneros promocionais e publicitários, os adjetivos são usados para descrever e avaliar positivamente os produtos”²⁹.



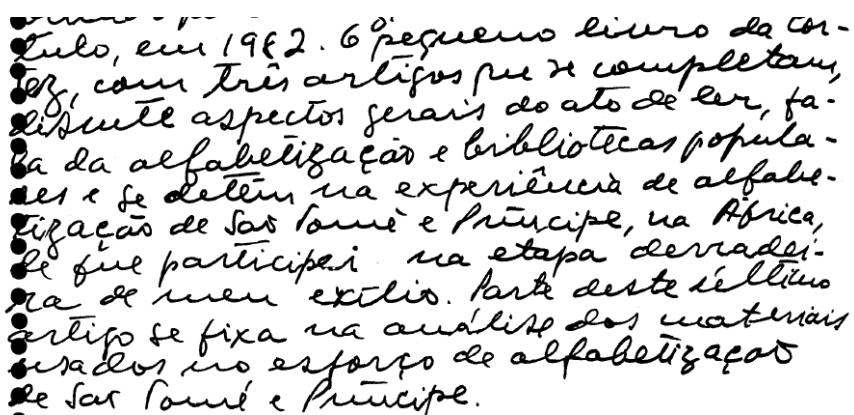
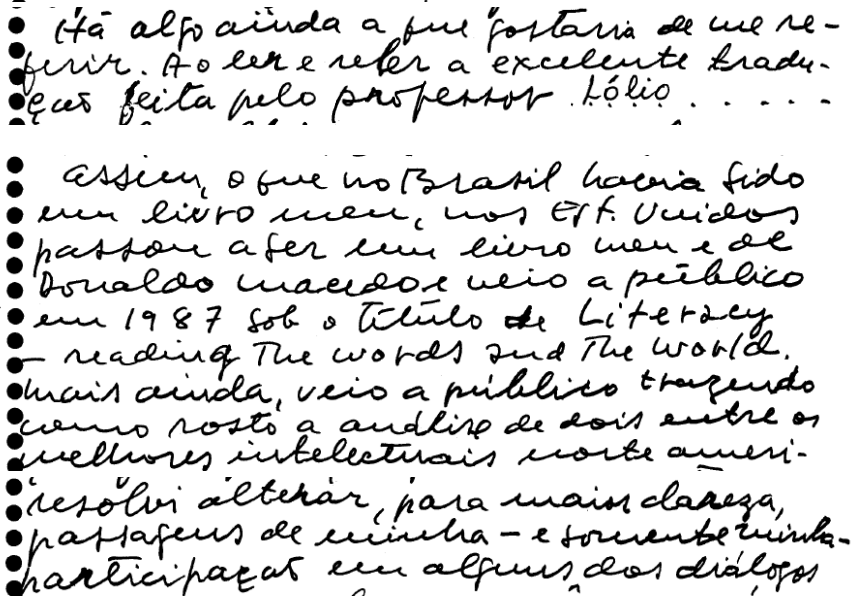
Ainda no excerto que segue, Freire alude às conversas “sem tempo marcado para nos despedir”, usando o advérbio “mutuamente” como um sinônimo do permanente processo de aprender e ensinar por meio do diálogo.



²⁹ Texto original: “in most promotional and advertising genres, adjectives are used to describe and positively evaluate products”.

³⁰ Legenda do trecho: “E chega por sugestão de Giroux e Macedo. Foram eles que, numa das conversas que costumamos prolongadamente entreter, quando nos encontramos sem tempo marcado para nos despedir e em que tanto mutuamente nos ensinamos, me convenceram”.

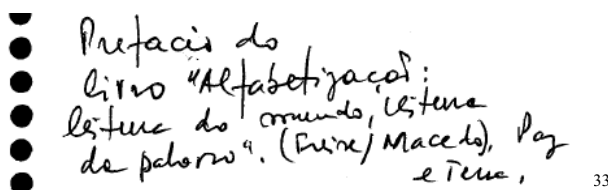
Ademais encontram-se figuras da retórica, como a) alusão (à experiência vivida na África e ao professor Lólio na tradução do livro); e b) repetição (da expressão “livro meu”, à qual acrescenta posteriormente “e de Donalddo Macedo”; também da oração “veio a público”, como forma de ratificar a importância daquela publicação; e, por fim, da ênfase dada ao pronome “minha – somente minha”, para garantir ao leitor que as ideias de Macedo não haviam sofrido alterações), conforme podemos ver nos trechos abaixo. Tais estratégias entrelaçam os argumentos expostos na “Carta...” e os reforçam perante os interlocutores.

- a)  31
- b)  32

³¹ Legenda do trecho a): “[...] em 1982. O pequeno livro da Cortez, com três artigos que se completam, discute aspectos gerais do ato de ler, fala da alfabetização e bibliotecas populares e se detém na experiência de alfabetização de São Tomé e Príncipe, na África, de que participei na etapa derradeira de meu exílio. Parte deste último artigo se fixa na análise dos materiais usados no esforço de alfabetização de São Tomé e Príncipe”. “Há algo ainda a que gostaria de me referir. Ao ler e reler a excelente tradução feita pelo professor Lólio”.

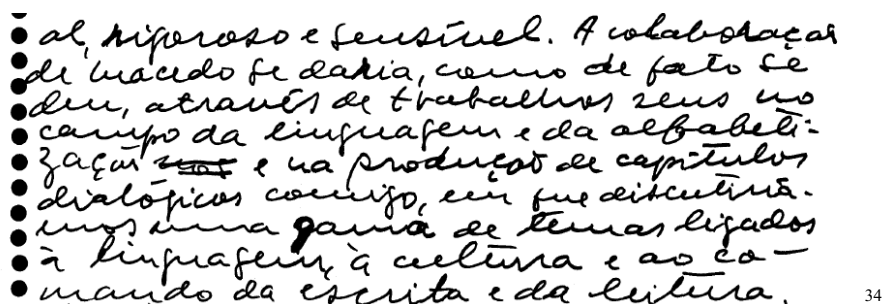
³² Legenda do trecho b): “Assim, o que no Brasil havia sido um livro meu, nos Est. Unidos passou a ser um livro meu e de Donalddo Macedo e veio a público em 1987 sob o título de Literacy Reading the words and the world. Mais ainda, veio a público trazendo como rosto a análise de dois entre os melhores intelectuais norte-america[...].” “resolvi alterar, para maior clareza, passagens de minha – e somente minha – participação em alguns diálogos”.

Ainda percebemos, na leitura do documento, uma pequena anotação feita pelo próprio autor (note-se a caligrafia) de que aquele texto é a apresentação de uma de suas obras, fazendo uso, mais uma vez, de um intertexto, o "livro 'Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra'. (Freire/Macedo). Paz e Terra", que provavelmente o ajudaria na organização de seus escritos.



● Prefácio do
● livro "Alfabetização:
● leitura do mundo, leitura
● da palavra". (Freire/Macedo), Paz
● e Terra, 33

Por fim, ressaltamos a relevância de ter em mãos este material e, sob olhos instigadores acerca da língua em uso, buscar as subjetividades interdiscursivas do seu autor, o qual está vivamente presente tanto no léxico inconfundível (permeado, por vezes, de neologismos) quanto na construção enunciativa, voltada para o outro, com quem está sempre disposto a dialogar. Para além de seus constituintes enunciativos, é importante relevar a possibilidade de dar continuidade a estudos voltados aos temas em que se imbricam educação, linguagem e cultura sob uma práxis docente crítica, reflexiva e dialógica, como referenciado por Freire no trecho a seguir:



● ...al, rigoroso e sensível. A colaboração
● de Macedo se daria, como de fato se
● deu, através de trabalhos seus no
● campo da linguagem e da alfabeti-
● zação ~~comigo~~ e na produção de capítulos
● dialógicos comigo, em que discutiríamos
● uma gama de temas ligados
● à linguagem, à cultura e ao co-
● mando da escrita e da leitura. 34

Dessa forma, a interdiscursividade se fez presente no decorrer da "Carta...", sendo parte constitutiva de sua construção argumentativa, dialogando com outros discursos, vozes e gêneros. Em tais interdiscursos, incluem-se suas próprias práticas de linguagem, anteriormente realizadas em situações comunicativas diferentes e que, naquele momento de enunciação, foram chamadas para o presente discursivo a fim de favorecer a leitura e a compreensão do seu conteúdo pelos leitores, cumprindo assim o propósito comunicativo de apresentar e promover o livro em determinado campo do saber.

³³ Legenda do trecho: "Prefácio do livro "Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra". (Freire / Macedo), Paz e Terra."

³⁴ Legenda do trecho: [...] rigoroso e sensível. A colaboração de Macedo se daria, como de fato se deu, através de trabalhos seus no campo da linguagem e da alfabetização [trecho tachado] e na produção de capítulos dialógicos comigo, em que discutiríamos uma gama de temas ligados à linguagem, à cultura e ao comando da escrita e da leitura."

Considerações finais

O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica.
(Mikhail Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, 1997[1979])

Neste trabalho, buscamos desenvolver uma análise dialógica sobre a “Carta aos leitores e leitoras”, escrita por Paulo Freire em 1990 e disponibilizada digitalmente na plataforma Acervo Paulo Freire. Enquanto patrimônio digital, artefato acessível a todos que por ele se interessarem, importa ressaltar, neste momento do estudo, que a sua preservação, bem como a de todos os patrimônios digitais, se revela uma urgência não só para os pesquisadores das Humanidades Digitais, mas também para “todos os atores que integram o ecossistema” (Rollo, 2020, p. 23). Assim, a realização deste trabalho se soma às proposições de colaborar para a preservação de um pedaço da história da educação brasileira (e também mundial), com o auxílio das potencialidades das tecnologias digitais e a ampla adoção da ciência aberta.

Sob uma perspectiva de sua dialogicidade, relacionando a prática languageira da escrita de uma carta com a função de introduzir um livro, na qual apresenta as razões de sua produção, assim retomamos aspectos cruciais na elaboração do texto em questão, como elementos composicionais do gênero discursivo “carta”, movimentos retóricos do gênero introdutório “apresentação”, evocando a concepção da intergenericidade (*genre embedding*), defendida por Bhatia (1997) e Marcuschi (2008). Ainda nos fundamentamos na concepção dialógica de Bakhtin e o Círculo, a qual se confirma como essencial na compreensão linguístico-enunciativa das práticas de linguagem cotidianas, acadêmicas, profissionais, institucionais, etc. enfim, qualquer que seja o domínio discursivo em que o gênero se realize textualmente. Ademais, a “Carta...”, como objeto de estudo selecionado para esta pesquisa, se revelou uma fonte rica em recursos e estratégias linguísticas e retóricas que buscam promover a dimensão argumentativa do texto, baseada na intencionalidade enunciativa do locutor, ao pretender, a princípio, o que pode ser notado logo no primeiro parágrafo, levar seus potenciais leitores não somente à leitura, mas também à compreensão daquela obra.

É assim que a escrita da “Carta...” não se resume a um diálogo apenas com seus leitores, como destinatários ou “superdestinatários” (Bakhtin, 1997[1979]), os quais, ao compreenderem suas ideias, baseados em seu conhecimento prévio, com ela dialogam; mas também com outros discursos que com ela concordam, dela discordam ou ainda a refutam, discutem ou comentam.

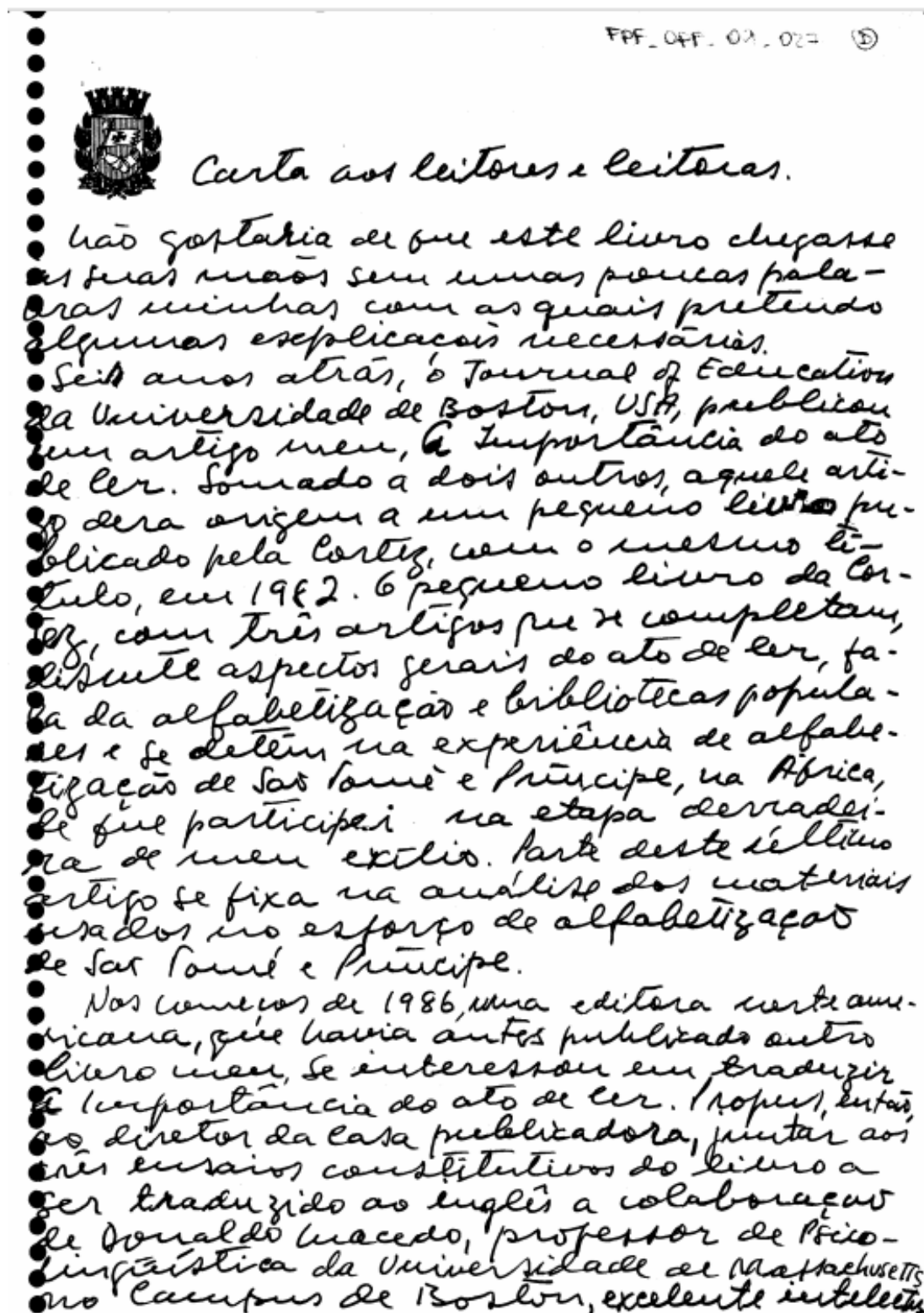
Enfim, concluímos que a disponibilização digital da “Carta aos leitores e leitoras”, na plataforma Acervo Paulo Freire, pode suscitar investigações de múltiplas dimensões linguístico-discursivas sob outros olhares teóricos, bem como educacionais, históricos, sociológicos, antropológicos, etc., a depender do ponto de vista do pesquisador, promovendo a ampliação do legado teórico deixado por Paulo Freire tanto na educação, com sua pedagogia histórico-crítica, como nas práticas de linguagem essencialmente dialógicas, realizadas principalmente por meio de cartas.

Referências

- ACERVO PAULO FREIRE. Instituto Paulo Freire. *Apresentação*. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/acervo-paulo-freire>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- ADAM, J.-M. *Textos, tipos e protótipos*. São Paulo: Contexto, 2019.
- ADAM, J.-M. *A noção de texto*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN, 2022.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997[1979].
- BEZERRA, B. G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BHATIA, V. Genre-mixing in academic introductions. *English for Specific Purposes*, v. 16, n. 3, p. 181-195, 1997.
- BHATIA, V. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. Continuum International Publishing Group, 2004.
- BHATIA, V. Interdiscursivity in professional communication. *Discourse & Communication*, v. 4, n. 32, p. 32-50, 2010.
- BHATIA, V. Genre analysis: The state of the art. *International Journal of Language Studies*, v. 9, n. 2, p. 121-130, 2015.
- COSTA, R. *et al.* O papel da linguística na era das humanidades digitais. *Linha D'água*, v. 34, n. 2, p. 1-8, 2021.
- FRANCO, D. de S. A gestão de Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991) e suas consequências. *Pro-Posições*, v. 25, n. 3 (75), p. 103-121, 2014.
- FREIRE, A. M. A. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, M. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 27-64.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, M. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- ROLLO, M. F. Desafios e responsabilidades das humanidades digitais: preservar a memória, valorizar o patrimônio, promover e disseminar o conhecimento. O programa Memória para Todos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 19-44, jan./abr. 2020.
- SEARA, I. de R. A palavra nômada. Contributos para o estudo do gênero epistolar. In: II FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA. Lisboa, *Anais [...]*, 2008. Disponível em: <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/isabel-seara.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- SILVA, P. N. da. *Tipologias textuais: como classificar textos e sequências*. Lisboa: Almedina/CELGA, 2012.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2 ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

Anexo

"Carta aos leitores e leitoras", de Paulo Freire



2



al, hiperoso e sensível. A colaboração de Macedo se dá, como de fato se deu, através de trabalhos seus no campo da linguagem e da alfabetização ~~em~~ e na produção de capítulos dialógicos como, em sua discussão, uma gama de temas ligados à linguagem, à cultura e ao comando da escrita e da leitura.

Assim, o que no Brasil havia sido um livro meu, nos E. U. Unidos passou a ser um livro meu e de Ronaldo Macedo veio a público em 1987 sob o título de Literacy - reading The words and The world. Mais ainda, veio a público trazendo como rosto a audição de dois entre os melhores intelectuais norte americanos que hoje se entregam criticamente à compreensão de uma pedagogia radical: Henry Giroux e Ann Berthoff.

Agora, Literacy, reading The words and the world, chega ao Brasil, ~~trazendo a contribuição de Giroux e Berthoff, e a contribuição de Giroux e Berthoff, e a contribuição de Giroux e Berthoff.~~

É chega por sugestão de Giroux e de Macedo. Foram eles que, numa das conversas que costumamos prolongadamente entreter, quando nos encontramos sem tempo marcado para nos despedir e em que tanto mutuamente

3



nos ensinamos, me convenceram de tentar sua publicação no Brasil. Mas chega ao Brasil obviamente sem os três ensaios que, aqui, constituiram a importância do ato de ler. Assim, as referências que Bethhoff em francês fazem, em seus ensaios, a um ou outro passo deste ou daquele texto de importância do ato de ler só poderão ser cobradas se o leitor curioso consultar a publicação da Cortez.

Há algo ainda a que gostaria de me referir. Ao ler e refer a excelente tradução feita pelo professor Lólio resolvi alterar, para maior clareza, passagens de minha - e sobretudo minha - participações em alguns dos diálogos com Macedo. Essas essências porém, os diálogos continuam os mesmos que compõem o original norte-americano.

São Paulo
maio de 1990

Paul Freyre

Prefácio do
livro "Alfabetização:
leitura do mundo, leitura
de palavra". (Freyre) Macedo, Paz
e Terra.